

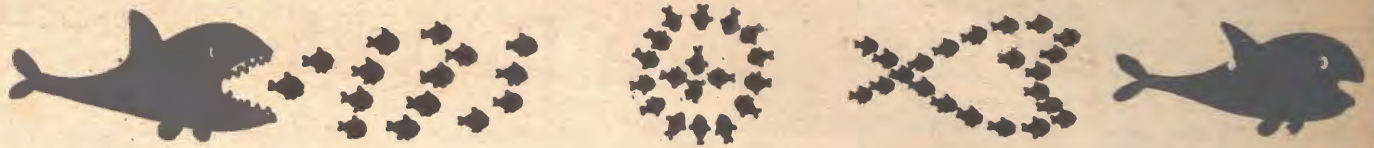
DIA 19 DE DEZEMBRO

Assembléia das Comissões

Final de ano. É hora de refletir, avaliar e também planejar um novo ano de trabalho. Todas as Comissões Diocesanas estão convidadas.

Local: SEMINÁRIO PAULO VI
Hora: 08 às 13 horas

CAMINHANDO



INFORMATIVO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
ANO I — Nº 12 — DEZEMBRO DE 1987



Natal hoje: nosso povo busca o Deus libertador.

NOVA MESQUITA NO REGIONAL I

O Conselho Regional II (Prata, Belford Roxo, Piam, Cruzeiro do Sul, Heliópolis, Jardim Gláucia, Santa Maria e Lote XV), em sua última reunião do ano planejou o trabalho pastoral de 1988.

Entre as prioridades apresentadas, optaram como tarefa regional, para o próximo ano: *Família e Círculos Bíblicos*. O Regional se dedicará também a aprofundar o tema "Igreja Católica e Associações de Moradores".

Sebastião Cosme, Coordenador da Região II, aproveita para agradecer o apoio das paróquias do regional. Deseja a todos um **FELIZ NATAL!** E convoca as comunidades para estarem firmes na caminhada, ano que vem.

REGIONAL 2 PREPARADOS PARA ENFRENTAR 88

Depois de consultar os regionais 1 e 4, o Conselho Presbiteral aprovou a transferência da paróquia de São José Operário, de Nova Mesquita, que passa da Região IV para a Região I.

Nova Mesquita já havia participado do Regional I. Mudanças nos regionais, há alguns anos, fez com que optassem pelo Regional IV. Da Região IV participam a paróquia de Edson Passos, as 2 paróquias de Nilópolis e as 2 de Olinda.

Agora Nova Mesquita vem se juntar a Mesquita, K-11, Catedral, São Jorge, Santa Eugênia, Califórnia, Rocha Sobrinho e aos curatos de Jacutinga e BNH. Aumenta a Região I e diminui o Regional 4, que passa a contar apenas com as paróquias do Município de Nilópolis.

A ORDENAÇÃO DO NEGRO AILTON

Não vou reportar a ordenação sacerdotal do Ailton, na Catedral de Nova Iguaçu. Tem coisa que não dá para descrever. Nossos níveis profundos são irreportáveis e a própria fotografia só capta a exterioridade. E de forma bem estática. Na celebração eclesial daquela sexta-feira à noite, atingiram-se níveis bem mais profundos e essenciais do que a mera preocupação jornalística. Foi um daqueles raros momentos de harmoniosa convergência entre tudo o que possuímos de mais puro, de mais parecido ao modelo original de felicidade, segundo o qual nos ensinam que fomos criados.

A pessoa foi criada com níveis diferentes de possibilidades existenciais. Níveis mais superficiais e níveis mais profundos. Na busca da alegria ou, se quiserem, da felicidade, atravessamos momentos de vibração, os quais curtimos através das atitudes apropriadas: cantamos, dançamos, assovia-mos, batemos palmas. Saímos do esconderijo de nós mesmos, porque perdemos o medo, no sentimento de sermos irmãos. Pois bem, tais atitudes não apenas se intensificam mas mudam de essência, quando produzidas pelo nível profundo da religiosidade.

Aí, tendência e necessidade da alegria bate à porta de sua própria fonte.

Plantamos as raízes de sua alegria nas terras divinas do seu nível religioso, o ser humano faz caminhada de volta, que o aproxima à humanidade original, pura e feliz como saiu das mãos do Criador, naquela manhã do sexto dia. Um destes momentos de graça foi intensamente vivido na Catedral de Nova Iguaçu, durante a ordenação sacerdotal do negro Ailton. Ailton negro e pobre, descendente de escravos. Tudo o que nossa Igreja tem de melhor, mais forte e poderoso reuniu-se, em seu máximo esplendor, por causa e em função do Ailton pobre e negro, alçado agora ao trono do qual os poderes foram, em sua cegueira, derrubados.

O Ailton pobre e negro, agora glorificado em sua ordenação para o serviço ao Povo de Deus, confirma profundas intuições. Não é o grande que liberta o pequeno. Não é a burocracia eclesiástica que vai libertar o Povo de Deus. Não são os códigos formais que abrirão as portas para o Povo de Deus passar. Passos à frente serão dados, se o Povo oprimido de Deus der passos à frente. Na liturgia e nas celebrações, serão conquistados espaços, se o Povo ini-

bido de Deus, em sua criatividade e inocência, atropelar os formalismos bem comportados e estereis, afim de fazer valer sua espontaneidade e a riqueza de seus sentimentos, de sua música, de sua dança. Nessa hora, não são os profissionais da religião, mas o Povo santo de Deus que diz presente!

O acontecimento eclesial da ordenação do Ailton traz muitos recados a nós, burocratas religiosos. Lembra a imensa responsabilidade da Igreja oficial, quando ela impede que passos libertadores sejam dados; que a liturgia seja expressão da alma do povo; que a alegria espontânea, abrindo as portas do melhor de nós mesmos, seja impedida de comparecer à festa, pela presença impiedosa dos ritualismos formalistas. Estes têm mais a ver com manutenção de poderes e menos com povo oprimido celebrando a libertação.

Não entendo como a administração central de nossa Igreja não percebe isso, não vê o pecado que estamos cometendo: por causa de formalismos autoritários, impedimos que o Povo espoliado de Deus tenha acesso ao serviço libertador de mistérios, menos dificultados pela ânsia insensata de patrulhamento em cima do Espírito. (FLT)

Acampados de Morro Agudo

sofrem violência policial

No Brasil todo, multiplicam-se aceleradamente os casos de ocupações rurais e urbanas.

Em Nova Iguaçu, acontece mais um mutirão para ocupação da terra para morar. Foi no começo de novembro. Cerca de 100 famílias ocuparam terras em Morro Agudo.

Na proximidade de dois outros mutirões vitoriosos e estabelecidos: Jardim Iguaçu e Metropolitano.

Mas, "alegria de pobre dura pouco". Policiais militares e homens em trajes civis, invadiram o acampamento. Puseram abaixo tudo o que havia sido construído.

Espancaram com violência quem ousou questionar a invasão. Quatro pessoas foram presas.

Um dos acampados contou que dormia, juntamente com a mãe e a irmã, quando os policiais chega-

ram, obrigando-os a sair e, em seguida, derrubaram o barraco, feito de madeira e coberto de plástico, e jogaram seus pertences na fogueira.

As famílias estão apavoradas. Continuam a sofrer pressões e ameaças de policiais e desconhecidos ligados ao suposto dono das terras. De madrugada, muitos carros rondam a área.

O irmão-bispo D. Adriano: 21 anos servindo à Baixada

Funcionários e seus familiares, agentes de Pastoral, padres, freiras, seminaristas e amigos de D. Adriano celebraram, no sítio de Tinguá, os 21 anos da chegada do irmão-bispo à Diocese de Nova Iguaçu. O churrasco de confraternização reuniu cerca de 250 pessoas. Foi um momento de encontro e de descontração, one se comemorou também os 82 anos de vida de Monseñor Arthur, vigário da Paróquia de São Sebastião, em Olinda.

Depois do almoço, o bispo cortou o bolo comemorativo dos seus 21 anos de Diocese. Os funcionários do CEPAL ofereceram a ele, como presente uma estola. Emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem.

SUA CHEGADA, UMA BENÇÃO PARA O POVO

Dom Adriano chegou à nossa Diocese, em 6 de novembro de 1966. Nomeado pelo Papa Paulo VI como 3º bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano — que até então era

bispo auxiliar de Salvador, na Bahia — encontrou, em sua chegada, uma Igreja que não se preocupava muito com as condições em que o povo vivia. Uma Igreja fora da realidade, que falava bonito, mas de pouca ação.

A passagem de D. Adriano por nossa Diocese tem sido marcada por transformações: aumentaram o número de comunidades, nas reuniões, o Evangelho ilumina os problemas de cada dia, eleições democráticas têm marcado as mudanças de lideranças em Conselhos e Comissões, cresceu a participação dos leigos nos serviços e ministérios. As grandes decisões foram tomadas em Assembleias, onde a maioria dos participantes eram os cristãos engajados. E ultimamente, o 1º Sínodo Diocesano tenta repensar nossa transmissão de fé e propor caminhos pastorais que melhor atendam às necessidades do Povo de Deus presente na Baixada.

UMA MAIORIDADE FELIZ E SOFRIDA

O anúncio e a denúncia profética, assumida pela Diocese, custou a D. Adriano.

um seqüestro, com espancamento e ameaças de morte, em 22 de setembro de 1976. E em 20 de dezembro de 1979 uma bomba destruiu o sacrário da catedral e profanou a Santíssima Eucaristia.

Mas se a Igreja mudou com a chegada do bispo em Nova Iguaçu e com o comprometimento da Diocese com a causa do povo bom e sofrido da Baixada, o mesmo não aconteceu a nível político e social. Segundo D. Adriano "a situação da Baixada continua a mesma. Há falta de segurança". E o momento político brasileiro é "vergonhoso".

A FESTA CONTINUA

No próximo ano mais duas comemorações marcarão a vida de Dom Adriano e da Diocese. No dia 18 de janeiro, o bispo faz 70 anos e em fevereiro celebra o seu jubileu de prata episcopal.

Toda a Diocese se une em orações e se alegra com seu bispo. Desejando que o Senhor o proteja, guarde e o conserve como pastor, irmão e guia de nossa Diocese e do povo da Baixada.



D. Adriano: 21 anos servindo a Baixada.

Posseiros de Babi pedem ajuda

As 32 famílias que, há cerca de dois anos ocuparam uma vasta extensão de terras, na localidade de Babi, estão na emergência de serem despejadas.

As terras ficam próximas da antiga linha de trem "Maria Fumaça", que ia de Belford Roxo à Xerém. Antes da ocupação essas terras serviam de lixeira. Aí os posseiros encontraram até restos de cadáveres humanos.

Ocupada a terra, apareceram logo os supostos proprietários. As famílias buscaram, então, auxílio de entidades que contribuíram com remédios, alimentos e material para construir as barracas. E os posseiros se revezavam na construção de barracas, da cozinha comunitária e no serviço de vigilância, impedindo assim que as barracas fossem destruídas.

Semanas atrás os posseiros foram comu-

nicados que a Ação de Despejo estava prestes a ser executada. Desde então, o clima no Mutirão rural de Babi é de apreensão. Tudo o que foi plantado está em ponto de colheita: mandioca, milho, banana, quiabo, feijão... Além disso, existem as casas, construídas com material fabricado pelo próprio movimento.

Os posseiros pediram ajuda à Diocese, através da Comissão Diocesana de Justiça e Paz. Procuraram auxílio do Estado na Secretaria de Assuntos Fundiários. E agora buscam o apoio e a solidariedade, de todos os que compreendem como é importante possuir um pedacinho de chão para morar e para plantar.

Como Alexandre e Chicó — que se dizem donos das terras —, se mostram dispostos a dialogar, é possível que se encontre uma solução que beneficie os companheiros de Babi.



Natal do Povo

Natal do Povo de Deus:
- da criança abandonada
que na esperança da acolhida estende a mão.
- do homem trabalhador
que luta para ganhar o pão.
- da mulher de todas as classes
que esperam por igualdade.
- do preto que, por causa da cor,
é sempre marginalizado.
- do índio sem terra para plantar,
sem saúde e sem lar.
- do mendigo esquecido,
que todos passam sem olhar.
- da Reforma Agrária que todos esperam
e precisam acreditar.
- de todos os que morreram,
por causa da verdade.
- daqueles que se doam
para o povo evangelizar.
- Enfim, Natal para todo o Povo de Deus,
que no sofrimento aprendeu a amar.

(Maria da Conceição M. Pereira —
Paróquia de Santa Maria — N. Iguaçu)

Ocupações de terra e justiça social

PALAVRA DO BISPO Adriano, Bispo Diocesano

Em nossa Diocese, em nosso Estado do Rio de Janeiro, em todo o Brasil têm acontecido inúmeros casos de ocupações, invasões de terras abandonadas, tanto do Governo como de particulares.

Por que acontecem as ocupações?

O motivo mais profundo é a insegurança social, é a crise econômica, e a recessão que tomou conta do Brasil nos últimos tempos. O Povo humilde dos assalariados, que recebem de um a dois salários-mínimos, vê-se obrigado a fazer funcionar seus humildes pacíficos instrumentos de defesa.

Que instrumentos são estes?

Muitos operários fazem bistates em sábados e domingos, acumulam horas extras, vendem as férias. Em muitas famílias operárias as mulheres assumem também toda espécie de trabalho para fortalecerem o orçamento familiar. E não são raros os casos de colocarem também os filhos, em tenra idade, a fazer toda espécie de trabalhos.

Esses instrumentos não bastam para enfrentar os constantes aumentos de aluguel, de gêneros alimentícios, de serviços públicos de escola, de remédios, de roupas. Os aumentos salariais são sempre inferiores à taxa oficial de inflação, uma taxa média que não corresponde à realidade concreta do trabalhador assalariado. Por que, na fantasia criadora do pobre, ele procura descobrir outros instrumentos de compensação e de defesa.

Em nossa região muitíssimos operários vieram das zonas agrícolas do país: do Norte fluminense, do Espírito Santo, de Minas Gerais e, sobretudo, do Nordeste. Vieram tentar a sorte. Vieram atraídos pelas condições mais humanas de vida, que nunca encontraram no atraso feudal das regiões agrícolas. Como se tratava, realmente, de operários sem qualificação profissional, a maioria acaba na construção civil. Acontece a recessão, ao sabor das medidas improvisadas do Governo que nunca sabe muito bem o que quer: esses operários são jogados na rua da amargura. Moram nos bairros da periferia, do Grande Rio. E aqui vêm com olhos gulosos as muitas terras abandonadas, antigas fazendas de café ou ranjais, hoje entregues ao mato ou a algumas cabeças de gado. Terras que, sem cultura, causam enorme prejuízo à economia nacional. Que surpresa ver com os olhos gulosos de terra boa, e com o coração oprimido pela miséria crescente se acendem de desejo ocupar a terra abandonada, seja de quem for, e pelo trabalho produtivo levar a fartura aonde só existia a carência?

O Povo humilde que ocupa áreas abandonadas, quer trabalhar. Quer, pelo trabalho, sobreviver dignamente. Quer, pelo trabalho, nas terras abandonadas, fomentar a produção de gêneros alimentícios para si e para os outros. Quer, pelo casamento da semente com a terra, contribuir para o progresso do Brasil.

Contra estes irmãos nossos, homens e mulheres que ocupam terras abandonadas sem pesar nada ao Estado, justamente porque não querem pesar sobre a sociedade, cai, esmagador, o peso da propriedade privada, mal entendida, acionado pela Justiça anquada, pela polícia acionada pela Justiça dos homens, e pelos gungos alugados ou forçados pelos grandes proprietários. Com o irmão pequeno, com o qual se identifica Jesus Cristo (basta ler o capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus), se aliam violentamente as elites do poder: Justiça, Polícia, proprietários, empresários, grandes jornais e revistas, televisão e rádio.

Se visitarmos uma dessas ocupações, logo no início, veremos no rosto sofrido destes irmãos e irmãs nossos, filhos do mesmo Pai, mas cidadãos de segunda ou terceira classe a alegria dos pobres e a esperança dos profetas. Por que não ajudá-los na procura de uma solução justa e cristã? Humana e social?

EXPEDIENTE Caminhando

Uma publicação da Diocese
de Nova Iguaçu — R. Capitão
Chaves, 60 - CEP 26.220 —
Nova Iguaçu — RJ

Coordenador de Pastoral:
Pe. RENATO STORMACQ

Equipe de Redação

Jorge L. Soares
e Ademir Peçanha

Composto e Impresso nas
oficinas da Gráfica e Edição
Jornal de Hoje Ltda

Miguel Couto acolhe menores de rua

Igual à maioria das paróquias de nossa Diocese, a Paróquia de Miguel Couto se localiza em área de profundo abandono e pobreza.

Entre as muitas crianças que lhe batiam à porta pedindo alimento, algumas se tornaram frequentes assíduas do almoço na Creche Comunitária.

Veio a inquietação e a pergunta: *O que fazer por essas e outras crianças que ficam na rua catando papéis, latas, ferro-velho, pedindo esmólas e até roubando?*

Faltava uma pessoa que quisesse reunir essas crianças, que apareciam para almoçar e, com elas, fizesse algo mais do que saciar a fome. Apareceu Rosângela, muito jovem ainda, mas disposta a organizar a turma.

PARILHANDO OS DONS E OS BENS

No começo eram apenas 3 ou 4 crianças. Após uma acolhida e um tempo de diálogo para entrosamento, participavam do almoço. Em seguida eram encaminhados

para a escola. Outra tarefa era a de organizar o trabalho e o lazer.

A turma foi aumentando. Agora são 16 menores, com idade entre 10 e 14 anos. Oito deles participam diariamente. Os outros ainda estão num processo de vaim-vem.

Às 8 horas da manhã começam as atividades. Após os primeiros cumprimentos, ajudam a varrer o quintal da creche. Tomam café e fazem, juntos, o programa do dia.

E lá vão eles, ganhando a rua, vendendo picolé e balas. Outros vão para a horta e, algumas vezes, catar latas e ferro-velho para vender.

O produto do trabalho de cada um é entregue à Rosângela, que, no final da semana, reparte entre todos.

Após os trabalhos, tomam banho e almoçam. Brincam um pouco e vão para a escola. À noite voltam para jantar e se despedir.

VIDA SOFRIDA, MAS CHEIA DE ESPERANÇAS

À noite e nos fins-de-semana, estes menores de rua ficam com a família. Para muitos deles, a mãe e os irmãos são as pessoas mais importantes. É para ajudar a mãe e os irmãos, que eles trabalham. Mas mostram-se profundamente revoltados contra o pai. Alguns chegam a chamar o pai de "vagabundo".

Os menores de rua de Miguel Couto, como tantas outras crianças, têm sonhos. O primeiro desejo de todos é ter uma casa bonita e uma profissão. Alguns até dizem que profissão querem ter: motorista, cobrador, carpinteiro, cantor...

Segundo Irmã Maria, as estruturas para este serviço, por enquanto, são quase nenhuma. Disse-nos ela: *"Estamos tentando ajuda de todos quanto sentirem que o trabalho com menores é alguma coisa que vale a pena, para o Brasil e para o mundo"*. E concluiu: *"Sabemos que D. Adriano estava pensando num Centro Profissionalizante para Menores"*.



UDR decreta: Morte a Padres e Bispos

A União Democrática Ruralista (UDR), formada por grandes fazendeiros, com dois anos de existência, já se espalhou por 19 Estados brasileiros. São 132 regionais e 150 mil sócios.

Equipada com três aviões, a UDR está percorrendo o Brasil, convencendo os pequenos proprietários de que a Reforma Agrária trará prejuízo para eles. E os convoca a se associarem à entidade.

A UDR tem também seus representantes na Constituinte. São deputados e senadores, filiados ou simpatizantes das idéias desses latifundiários. Estes constituintes estão lá para garantir o direito de propriedade e impedir a Reforma Agrária. Segundo o fazendeiro Ronaldo Caiado, presidente da UDR, "Governo Democrático é aquele que faz o que 'nós' queremos e até impomos, e não o que nos quer ditar normas".

Além da guerra organizada contra a Reforma Agrária, a UDR decretou guerra contra a Igreja.

Uma nova tática foi pedir que as mulheres interrompam a missa e conteste o padre, toda vez em que se falar sobre problemas de terra na Igreja.

Por ordem da UDR há 45 padres e 12 bispos marcados para morrer, com nomes e endereços. No Estado de Goiás, pistoleiros já têm até tabela de preços: A vida de um sindicalista vale apenas 50 mil. Advogado ou freira militantes morrem por 100 mil. E um padre, quando aparece alguém que se arrisca a matá-lo, morre por 300 mil. Um lavrador ou pessoa sem prestígio social, religioso ou político, é morta até por mil cruzados.

A UDR realiza leilões milionários, com o objetivo de angariar fundos para suas matanças e impedir a Reforma Agrária.

E se não bastasse há uma campanha, organizada por militares, contra as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o que é pior, apoiada por certos bispos e padres.

QUEM GOVERNA ESTE PAÍS

A Reunião Mensal de Pastoral, na terça-feira de novembro, no Centro de Formação, contou com a participação de Jorge Luiz Carrera, do Centro de Ação Comunitária (CEDAC). Na ocasião o jovem historiador, apresentou uma síntese da Conjuntura Brasileira, que repartimos com os leitores de "CAMINHANDO".

* O Brasil é a 8ª economia do mundo e o 3º exportador de armas. Mas não consegue resolver seus problemas por causa da Dívida Externa.

* O Governo que aí está não é de ninguém: Não é do povo, porque nasceu de acordo político com empresários, militares e latifundiários. E nem é de Partido nenhum.

* A Constituinte é conservadora. Mas a Comissão de Sistematização conseguiu alguns avanços na área social. Há grupos tentando derrubar no Plenário as conquistas feitas. Estão querendo invalidar todo o trabalho já realizado com novo substitutivo frito por políticos de centro.

* A questão do Parlamentarismo é, na verdade, uma luta por poder. A mudança no regime de Governo não visa o bem do povo. É fruto da ambição política.

* O Povo, por sua vez está se organizando: os Movimentos Populares, muito mais que os sindicatos.

* Os sindicalistas não conseguem reunir os trabalhadores, justamente num momento em que a situação da classe trabalhadora é uma das piores da história.

* O Movimento Popular, que antes só sabia denunciar, agora faz propostas: reivindicar, exige, apresenta solução e até gerencia os projetos.

* Uma grande massa popular ainda está fora desse processo de união e organização popular. São as chamadas "igrejas eletrônicas" já têm 10 milhões de seguidores, financiadas com dinheiro americano, usam o nome de Deus para manter o povo na opressão.

* Mas há os que tentam bloquear a participação popular. Quando o ex-Presidente Figueiredo lança nota sobre o atual Governo, não está criticando Sarney. Está criticando e zombando da sociedade civil. Está dizendo que os militares são mais capazes de governar o Brasil, do que os civis. Procura, assim, fazer a população se desacreditar em si mesma.

Catedral superlota na festa dos Reis Negros

Ó, que coisa bonita/ Ó que coisa bonita/ acolher negro-irmão, sem discriminação/ Ó, que coisa bonita.

Nada melhor que uma estrofe desse canto, que foi o inicial, para expressar a alegria e beleza que foi a ordenação sacerdotal de AILTON IZAÍAS DA SILVA, negro, 33 anos, e pertencente a Congregação dos Missionários do Sagrado Coração. O acontecimento realizado na Catedral de Santo Antônio, Nova Iguaçu, no dia 20 de novembro — Dia Nacional da Consciência Negra — atraiu cerca de duas mil pessoas que se emocionaram com o desenrolar da festa que teve vários destaques: dezenas de grupos de cultura afro-brasileiras, padres de várias regiões do país, o Bispo Diocesano Dom Adriano Hipólito e o Bispo Ordenante Dom José Maria Pires, antes conhecido por "Dom Pelé" e agora carinhosamente apelidado "Dom Zumbi", numa alusão ao fato de dedicar sua vida à luta dos negros, como ele.

Desde o início se percebia que esta ordenação, geralmente uma coisa cheia de formalidades, seria diferente. A medida em que se desenvolvia a celebração o povo ia se contagiando com o ritmo, a alegria, o calor humano que se irradiava pelos ares criando um clima de verdadeira KIZOMBA, palavra africana que significa confraternização.

"DEUS OUVIU O CLAMOR DE SEU POVO"

Obertal Xavier, seminarista e membro do Grupo de Agentes de Pastoral Negros da Baixada, afirmou que "ganhar um padre é motivo de festa para a Igreja; ganhar um padre negro é motivo de festa duas vezes, para uma Igreja que quer e precisa tanto assumir o clamor do povo negro". Com relação as dificuldades que o Movimento Negro vem enfrentando na Arquidiocese do RJ — onde inclusive não se adotará o lema oficial da Campanha da Fraternidade-88, que abordará a questão do negro — Obertal respondeu: — "A ordenação de Ailton, no Dia de Zumbi, e com a presença de Dom José Maria Pires, não representa um ato de desagravo, mas estamos com isso dando uma lição na Arquidiocese do Rio de como se viver um clima de fraternidade, de partilha, com todos, vivendo a dimensão da fé como irmãos".

Na homilia, Dom Zumbi lembrou que "para o negro, ontem era a escravidão, hoje é a discriminação. O preconceito, que não é uma coisa provocada pelo negro, está entranhado na sociedade em que vivemos, voltada para o lucro e o prazer. Uma situação iníqua, presente também na Igreja. Na verdade, a escravidão não foi abolida em 1888. Ela persiste ainda hoje. Ou não são escravos os que sobrevivem com um salário-mínimo?".

Finalizando, o Arcebispo da Paraíba fez

vibrar toda a assistência quando afirmou: — "Deus ouve sempre o clamor de seu povo. No passado, escolheu Moisés para livrar os Hebreus da escravidão do Egito. Hoje, ouvindo o clamor do povo negro, Deus escolheu Ailton, para lutar pela libertação de seu povo".

FRATERNIDADE QUE SUPERA INJUSTIÇAS

"Tá caindo fulô/ Tá caindo fulô/ lá no céu, cá na terra/ é, tá caindo fulô... Cantava a multidão, no ritmo forte dos atabaques, enquanto o novo padre, dançando, era cumprimentado pelos colegas mais antigos. Muitos destes não resistiam e, embora um tanto desajeitados, ensaiavam uns passinhos, o que levava a multidão ao delírio. No final da celebração, de forma apoteótica, Ailton recebeu emocionado a maior ovação de sua vida, com as duas mil pessoas gritando freneticamente Ailton, Ailton...

Na recepção que se seguiu os comentários eram unânimes: a Igreja de um modo geral e, a de Nova Iguaçu particularmente, nunca mais será a mesma após esta festa. Além de ganhar mais um padre, ela recuperou a alegria da vida no canto e na ginga do povo negro. O Deus da libertação mostrou que a fraternidade supera as injustiças e que, como irmãos, estamos na mesma luta: a construção de seu Reino, a partir do amor ao próximo e da igualdade.



Uma Igreja dividida ou unida na diferença?

"Há diversidade de dons e mistérios, diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos" (1Cor 12,4-6)

Cada Diocese tem sua linha pastoral, que não é a única opção possível. É necessária uma liberdade criativa, mas é preciso também, um mínimo de unidade.

Diante de algumas tendências, pronunciamentos e ações eclesiais, se pergunta: *A Igreja está dividida, ou unida na diversidade?*

• Num momento em que as Associações de Moradores, membros de Comunidades e até comerciantes, se unem contra os comandos da Prefeitura de Nova Iguaçu, uma paróquia destaca no programa da festa de sua Padroeira, uma homenagem especial ao Prefeito Paulo Leone. Será que o *Deus Libertador* se tornou cúmplice dos opressores do povo? Nossa Senhora que anunciou: o Senhor "derruba os tronos, os poderosos e eleva os humildes", agora deu de abençoar quem maltrata seus filhos?

• Em várias paróquias há grupos "carismáticos". Eles reconhecem que há, na vida do povo, problemas de doença, de fome, de drogas. Mas separam Fé e Vida. Frustram as esperanças. Ignoram as raízes sócio-político-econômicas dos problemas. Apela para milagres, expulsão de demônios e curas maravilhosas. Juntam-se a eles os que apela para "apari-

ções" de Nossa Senhora, que só aparece em países ricos. Mas, será que Nossa Senhora está querendo mandar recados aos seus filhos empobrecidos, através dos poderosos, causadores da fome do Povo?

• A Arquidiocese do Rio de Janeiro faz sua Campanha da Fraternidade de 1988 diferente da Conferência dos Bispos (CNBB) e das outras dioceses brasileiras. A Arquidiocese do Rio considera que "o material distribuído pela CNBB, acirra o racismo". O Rio conservou o tema "a Fraternidade e o Negro". Mas em vez do lema "OUVI O CLAMOR DESTES POVO", terá por lema "Várias raças, um só Povo". A Arquidiocese terá texto-base, Via-Sacra, cartaz, filme para TV, adesivos e camisetas próprios.

Seria tudo isto uma divisão na Igreja? Ou seria "manifestação variada do Espírito em vista do bem comum" (1Cor 12,7)?

A diversidade de ações não nos pode afastar da unidade nem de princípios fundamentais, que movem a vida da Igreja. Somos Povo de Deus. Fizemos uma opção pelos pobres. E, professamos a fé no Deus Libertador e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso salvador e nossa salvação.

Nossa atuação pastoral — mesmo quando faz anúncio e denúncia no campo social — não se baseia em ideologias. É a Fé quem orienta a nossa ação. E aí já não é possível divisão. O que transmitimos é o que recebemos do Senhor.



Um olhar sobre a Baixada

MORRO AGUDO, O MUTIRÃO CAÇULA

Frei Luís Thomaz

De uns anos para cá, vêm acontecendo coisas. Parece que se esvazia o balão da sacralidade da propriedade privada. No Brasil todo, multiplicam-se, aceleradamente, os casos de ocupações rurais e urbanas. Frequentemente motivadas pela fé no mesmo Deus, usado antes para justificar a situação dos destituídos. Entra em recesso a pregação de céu e inferno e, em seu lugar, entra a de Egito e Terra Prometida; opressão e libertação; indignidade inafiançável em história pessoal que não se repete ou cidadania plena, neste único mundo e nesta única vida que Deus nos deu como sendo dela a geografia única.

Em Nova Iguaçu, sucede mais um mutirão para ocupação de terras para morar, este agora em Morro Agudo. Na proximidade dos mutirões de Jardim Iguaçu e Metropolitano, ambos vitoriosos e estabelecidos. Visitando o mutirão caçula, na manhã do terceiro dia, alguém lembrou do Egito, na véspera da partida; ou de Israel, no dia da chegada: as formiguinhas do povão de Deus enfiando estacas no meio do capinzal, sem ligar para ameaças, os olhos brilhando na determinação de ter conquistado a chance de realizar o direito fundamental de possuir casa para a família. Debaxo dos plásticos, a alegria de estar morando, finalmente, no que é seu.

Parece tão pouco, mas quanta luta até a vida quase nada, mas quantos passos foram dados para chegar até ali. Aparentemente insignificantes, portador de insuspeitadas mudanças. É muito do que mudança de endereço. No processo, dem-se largos passos de aproximação ao Brasil; ao povo brasileiro menos desrespeitado no mundo novo ou, se quiser, ao Reino de Deus. Quiser mais ainda, aproximação à propriedade, direito e necessidade de todos; moradia e segurança ajudando a realizar as famílias, e não algumas. A propriedade, de fato, é sagrada, por isso precisamos lutar para que todos tenham acesso a ela.

Reafirmo: nestes mutirões populares de ocupação, estão acontecendo coisas muito importantes. Limitação do espaço obriga a apenas fazer uma ocupação, que pode ser posteriormente explicada. O povão, em suas organizações muitas vezes mentares, está atropelando a legalidade burocrática. A legalidade não é mais buscada em documentos de papel, mas no direito de todos. Os mutirões de Nova Iguaçu simplesmente avacalham os segredos humanos em nome das igrejas. Esvaziam pretensões ortodoxias particulares, destituindo a condição de critério para afirmar o que é verdade e o que não é.

Calendário Pastoral

DEZEMBRO DE 1987

- 01 (terça) — 09 horas — Reunião Mensal da Pastoral — CENFOR — 15 horas — Comissão de Vocações, Missões e Ministérios — CEPAL
- 03 (quinta) — 19:30 h — Comissão de Catequese — CATEDRAL
- 04 (sexta) — 15 horas — Equipe Diocesana de Clube de Mães — CEPAL
- 05 (sábado) — 07:30 h — Comissão da Família — CATEDRAL — 08 horas — Equipe Diocesana de Crisma — CEPAL — 09 horas — Equipe de Comunicação — CEPAL — Comissão de Justiça e Paz — CENFOR — 15 horas — Comissão de Juventude — CEPAL — Comissão de Círculos Bíblicos — CEPAL
- 06 (domingo) — 14:30 h — Região Pastoral 3
- 08 (terça) — Feriado na Cúria Diocesana
- 11 (sexta) — 19:30 h — Região Pastoral 1 — CATEDRAL
- 15 (terça) — 09 horas — Reunião do Clero — CASA DE ORAÇÃO — 19:30 h — Região Pastoral 1 — NILÓPOLIS-Conceição
- 17 (quinta) — 09 horas — Conselho Pastoral — CEPAL
- 18 (sexta) — 19:30 h — Região Pastoral 7
- 19 (sábado) — 08 horas — Assembléia das Comissões — SEMINÁRIO
- 22 (terça) — 09 horas — Conselho Presbiteral — CEPAL — 19:30 h — Região Pastoral 6 — CABUÇU
- 25 (sexta) — NATAL

HOMENAGEANDO

NOSSO BISPO

Os funcionários do Centro Diocesano de Pastoral (CEPAL), na comemoração dos 21 anos da chegada de D. Adriano à Diocese, ofereceram a ele, como presente, uma estola. Mas, aproveitando a homenagem, fizeram também uma pequena brincadeira. Entregaram-lhe uma pistola de brinquedo e uns versinhos, que explicavam a razão do presente:

Fui à loja pra comprar
Uma estola pra você.
Quando disse: — É pró bispo!
Uma pistola me fizeram trazer.

Do poder sacerdotal
O símbolo é a estola.

Mas na violenta Baixada,
Tu precisas de pistola.

Se o poder na Baixada sofrida
se mostra com a pistola.

Tu, com a tua estola
Mostras o quanto essa gente é querida.

Pistola rima com estola

Isto é fácil perceber.

Mas, se a pistola mata os homens,
tua estola os faz viver.

Tudo teu "podério" se abriga,
sabemos, é na estola!

Com 21 anos de Baixada
Nós ti damos a pistola!

Feliz e emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem. E para alívio de todos, guardou os versinhos, aceitou a estola. E a pistola... a pistola ele a devolveu.

COLUNA DO CARLITUS

* Nossos parabéns a Dom Adriano pelos 21 anos de Baixada. Nossa Diocese tem um bispo de maior idade, que ganhou seu último brinquedo de adolescente com festa e bolo em Tinguá. O programa foi apresentado pela nossa Hebe Camargo Lúcia Bertolini.

* Padre Germano tomou posse em Belford Roxo dia 25 de outubro último. As Comunidades de Solidão e Matriz não perderam tempo. Antes da posse (às 16 horas), ofereceram uma farta feijoada para testar se o novo padre era de ficar de olho vivo ou olho sonolento em sua primeira missa.

* Na Catedral, um grupo de senhoras caridosas chamava atenção do Pe. Agostinho: "Padre, a roupinha do Menino Jesus caiu nos braços de Santo Antônio..." E com muita classe o Pe. Agostinho então respondeu: "Deixem o menino NU! Deixem o menino NU! Ele não é um menor abandonado não!!!"

* Pe. Fernando mais gordo. Santa Eugênia festejou seu aniversário e no dia seguinte, dia do recolhimento da Congregação, dedicou a sua oração matinal ao almoço, lanche e jantar festivos que a Comunidade lhe presenteou.

* SINO...DO Natal em Belford Roxo, Comunidade de São Sebastião, em Belford Roxo, vai ressoar as 24 badaladas do dia 24 de dezembro comemorando o Dia do Sino. Pe. Pedro, pode anotar em sua agenda esse compromisso sinodal!

* Apesar de tudo... a Escola de Santa Manguiera aderiu à Campanha da Fraternidade no Rio. Eis o tema: "100 anos de liberdade, Realidade ou Ilusão". Um pouco da poesia do povo do Rio de Fraternidade.

"...Pergunte ao Criador/ Quem pinta aquarela/ Livre do açoitado/ Preso na miséria da favela. Sonha Zumbi dos Palmares voltou./ A terra Negra acabou/ Foi uma nova realidade. Senhor. Eis a luta do bem contra o mal. Que tanto sangue derramou/ Contra o conceito racial..."

* Parabéns ao nosso irmão e diácono, que assumiu, no dia 20 passado, de Zumbi, às 20 horas, o seu sacerdócio em nossa Catedral. Dom José Maria (Bispo de João Pessoa foi o Ordeador com o nosso Povo de Deus).

Até...

SAIU NOS JORNAIS

Inflação deste ano será a maior da história para o Dieese: 400%

BRASÍLIA - O programa de estabilização econômica brasileiro, em vigor há 20 meses, não deu certo. A conclusão é do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), que prevê para o ano de 1987 a maior taxa anual de inflação da história do país: 400%.

Até o mês de outubro, a taxa acumulada do índice do Custo de Vida do Dieese alcançou 295,24% para a faixa de 1 a 30 salários mínimos. O índice oficial de inflação também poderá ultrapassar os 350% este ano se a inflação acumulada em novembro e dezembro for superior a 24,5%.

Em estudo distribuído ontem, o

Dieese compara os programas clássicos do Fundo Monetário Internacional, adotados no Brasil durante o regime militar, e o plano de choque heterodoxo, introduzidos com o cruzado. Em 1983 e 1984, a política do fundo resultou em uma inflação oficial de 887,07%. Em 1986 e nos dez primeiros meses de 1987, a taxa de inflação acumulada é de 600,91%. "As políticas anti-inflacionárias promovidas pelos planos cruzados, como as do FMI, não foram capazes de promover a manutenção da taxa de inflação em patamares baixos, e nos últimos 20 meses a taxa de inflação acumulada já se encontra próxima do valor registrado no período imediatamente

anterior", constata o estudo.

Segundo o Dieese, o crescimento da inflação comprova o fracasso da aplicação de medidas de redução do salário real como instrumento de combate à elevação do custo de vida. A estimativa do órgão é de que, de março de 1986 a 31 de outubro deste ano, os trabalhadores tenham perdido 49,88% de seu poder aquisitivo. A proposta dos sindicatos, conforme afirma o documento, é a adoção de medidas que garantam a recuperação dos salários reais para promover o desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, o ataque a problemas como a dívida externa e interna, "formas de apropriação exorbitante de renda"

(T. da Imprensa 12.11.87)

Trabalhador conquista direitos que assustam político conservador

Maria Inês Nassif

"Que fará um trabalhador braçal durante 15 dias de férias? O lar não pode prendê-lo e ele procurará matar as suas longas horas de inação nas ruas. A rua provoca com frequência o desabrochar de vícios latentes e não vamos insistir nos perigos que ela representa para o trabalhador inativo, inculto, presa fácil dos instintos subalternos que sempre dormem na alma humana, mas que o trabalho jamais desperta".

O trecho é de um memorial lançado pela Fiesp em 1925, no qual a associação do empresariado paulista condenava a concessão de férias de 15 dias aos trabalhadores. É a arma que o deputado Nelson Friedrich (PR), do grupo progressista do PMDB, sempre saca de sua pasta para calar os conservadores, quando advertem que os avanços permitidos pela Comissão de Sistematização na área trabalhista vão desorganizar o sistema produtivo. "Na abolição da escravatura, a classe dominante dizia que o pobre do escravo iria morrer de fome. Contra o 13º salário diziam que a economia não ia agüentar — e foi normalmente absorvido", recordou.

Capitalista moderno — Para o deputado Alceni Guerra (PFL-PR), todavia, a fórmula aprovada foi justamente o meio-termo entre a total falta de garantia do emprego existente hoje e a estabilidade absoluta. "Ela vai impedir, por exemplo, que o erro de um gerente de marketing de uma indústria automobilística recaia sobre trabalhadores que têm famílias para sustentar". Dono de uma empresa urbana e outra rural, Guerra, partidário do que chama "capitalismo moderno", não tem dúvida de que a economia assimilará rapidamente as inovações introduzidas na Constituição. "A hora extra em dobro levará os patrões a criarem outros turnos e a igualdade de direitos entre trabalhadores rurais e urbanos obrigará a propriedade rural a se modernizar. Eu, por exemplo, trato de forma igual os meus empregados no campo e na cidade — e não levo prejuízo algum", afirmou.

Para Alceni, a jornada de 44 horas — segundo ele apenas o reconhecimento de uma conquista obtida pela maioria das categorias profissionais em acordos coletivos —, aliada à hora extra em dobro, ajudará a criar 1,8 milhão empregos que o país deve ter, a mais, anualmente, para absorver a mão de obra que ingressa no mercado de trabalho.

Século XIX — "Em comparação ao que já existe na legislação trabalhista da Itália e dos Estados Unidos, o que a Comissão de Sistematização está fazendo é apenas tornar o Brasil contemporâneo do passado destas nações", ironizou o deputado Paulo Delgado, para quem os princípios acatados nesta etapa da Constituinte apenas "fizeram furor no início do século XIX". Delgado lastima, contudo, terem sido mantidos os princípios rigorosos de organização sindical, que datam da década de 30: "Agora não é mais possível acusar Mussolini ou Getúlio Vargas. A Constituinte de 1987 manteve a mesma estrutura fascista de organização sindical atrelada ao Estado." (JB 24.10.87)

Fome nos EUA atinge operários

BOSTON — A fome está se tornando um fenômeno frequente entre um número cada vez maior de trabalhadores americanos, adverte um estudo preparado por 23 pesquisadores e médicos da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de Harvard. "É cada vez mais significativo o número de trabalhadores que já foram produtivos e que agora estão recebendo alimentos gratuitamente", diz o relatório.

Intitulado de *A Fome Alcança a Classe Operária dos Estados Unidos: uma Recuperação Desequilibrada da Economia de Serviços*, o relatório de 65 páginas analisa uma grande variedade de dados sobre empregos e salários e faz uma comparação com o desenvolvimento dos programas de alimentação de emergência nos estados do Texas, Louisiana, Ohio, Iowa, Pensilvânia, Califórnia, Minnesota e Virgínia.

Pobreza — "Essa é uma análise dos Estados Unidos de hoje: podemos observar um lado brilhante, rico e florescente e outro que sequer aparece nos gráficos econômicos. Um país onde muitas pessoas trabalham arduamente e agora estão famintas", explica o relatório, que atribui tal tendência ao fracasso da política econômica do presidente Ronald Reagan em reduzir os impostos. Segundo análise dos especialistas, as pessoas com mais recursos puderam aumentar seus investimentos, mas as vantagens decorrentes desta medida não atingem as faixas sociais de menores rendas.

Calcula-se que cerca de 20 milhões de americanos enfrentam problemas de sobrevivência. "Dos 13 milhões de novos empregos criados nos últimos 10 anos, 8 milhões 200 mil são de pagamento inferior a 7 mil dólares por ano e o nível de pobreza estabelecido pelo governo para uma família com dois filhos é de 9 mil 69 dólares, salienta o responsável pela pesquisa, Larry Brown. (JB 7.11.87)

Retrato do Brasil: uma mãe esquelética, num hospital no interior cearense disse:
"Tive 11 filhos, mas Deus levou 9".
(T. da Imprensa 15.10.87)

Melhores momentos da Guerra do Paraguai—

Uma das atrações do "Wanderleyson Show" é um compacto com os melhores momentos da guerra do Paraguai, com cenas extraídas de um livro "para ler e colorir", publicado pela Biblioteca do Exército em 1964. Sob os acordes de música épica, a primeira imagem mostra uma reprodução do quadro de Pedro Américo sobre a independência do Brasil, que se funde com a de um pastor gaúcho. A música de fundo torna-se bucólica, ouvem-se trinos de pássaros, quatro ou cinco vacas entram em foco e a voz de um locutor estilo Alberto Curi inicia a narração:

"1848. O Cone Sul passa por um momento de grande tensão geopolítica".

Tomada geral, tempo nublado. Dois pequenos canhões, um virado de frente para o outro. Em volta, alguns soldados fazem guerra de travesseiros. Ruído de explo-

são, gritos de dor.

Narrador: "O Brasil é obrigado a auxiliar nossos irmãos paraguaios a se libertarem do jugo do insaciável ditador Solano López. E assim foi deflagrado o conflito que ficou conhecido como a Guerra do Paraguai".

Entre uma cena e outra, combatentes recebem uma torta na cara. Narrador: "O Brasil dispunha então de um vasto poderio bélico e pôde testar contra o exército inimigo terríveis armas biológicas".

Depois de olhar por uma luneta, um oficial vira-se para trás e grita: "Tragam os canhões".

De trás de uma colina surge uma fileira de mulheres horríveis, que avançam em direção aos paraguaios, de braços estendidos, aos gritos de "vem cá, meu bem", "Vamos fazer uma coisa gostosa", "siri na toca" etc.

No meio da batalha, um senhor vestido de Caxias está sentado nu-

ma escrivaninha cheia de papéis e carimbos, trabalhando compenetradamente.

Narrador: "As tropas brasileiras eram comandadas pelo grande Caxias".

Grupo de pessoas, com paletós sobre os ombros, como que saindo de um escritório, no final do expediente. Um deles bate no ombro de Caxias.

Funcionário: "Grande Caxias!"
Caxias: "Tamos aí na batalha..."

Secretária (insinuante): "Vamos tomar um chopinho, seu Caxias?"
Caxias: "Não dá. Eu tô por aqui de trabalho..."

Todos: "Esse cara é muito CAXIAS".

Numa clareira, tropas paraguaias perfiladas, sob o comando de um general vestido de malha preta com os dizeres "Vamos ao teatro".

Narrador: "Mas o exército paraguaio estava bem preparado e

havia contratado um general de vanguarda para dirigir o teatro de operações".

O general explica como os soldados devem atuar: "Você tá muito preso, Gimenez. Tem que se soltar mais. E você, Ramon, você não entrou no personagem. Trabalha mais, tá".

A outro soldado com uma lança trespassada na barriga o general recomenda: "Você, então, tá um horror. Você tem que trabalhar mais o corpo. A guerra é uma coisa visceral. Você tem que sentir lá dentro, entende?"

O grupo de soldados segue as instruções como se fosse uma aula de expressão corporal.

General: "Agora vamos fazer um exercício. Todo mundo relaxando. Vamos fazer de conta que vocês são flores no alto da colina. Vocês estão desabrochando, cres-

cendo, abrindo suas pétalas. Agora começou a bater uma brisa. Isso, assim, sinta o vento, essa coisa roçando o seu caule".

Um soldado: "Uuuuuuuu".
Narrador: "E foi neste momento que as tropas brasileiras se aproveitaram da situação e fizeram mal ao exército paraguaio".

Corte para cena de despedida em estação de trem. Soldados paraguaios grávidos se despedem do trem chorando e agitando lenços. Música grandiosa. Vozes gritam "adiós", "se fuera hombre se llamará Roberto Carlos", "Caramba". Corte para um general de pijama, deitado na cama, com lágrimas nos olhos. Sua mulher aparece na porta com uma bandeja na mão, e diz: "Avelar, o médico já disse que você não pode assistir a essas coisas". (T. da Imprensa 23.10.87)

SAIU NOS JORNAIS

Criança, a caminho da morte

O que existe, na verdade,
é embuste para cobrir a tragédia
da mortalidade infantil em nosso
país que, dia a dia, cresce de
maneira assustadora. Ninguém
precisa ir ao Nordeste para ver
a miséria.

Edmar Morel

Criança-esperança! O certo seria, criança a caminho da morte.

Mesmo que os resultados da campanha, sob os auspícios da Unicef, tenha relativo sucesso, representa uma gota d'água no oceano. A propalada assistência da Unesco aos povos subnutridos aparece como uma imensa obra social dos norte-americanos, quando, na verdade, os próprios brasileiros pagam os alimentos que recebem, inclusive, o leite do FISI. O Brasil, em certa época, por não ter pago a cota de milhões de cruzeiros, foi ameaçado de ter suspensa a remessa do produto essencial à saúde da criança.

Tudo conspira contra a indefesa criança brasileira, o futuro da pátria...

As estatísticas apontam a fome como a principal causa da mortalidade infantil. Que pode um trabalhador, que ganha o miserável salário-mínimo de 2.600 cruzados, comprar de gêneros alimentícios para sua prole? Só o transporte leva 22%. O INPS fica com 8 1/2%. No campo assistencial à infância tudo serve para desonestidade. O leite enviado pelos Estados Unidos, pago através do FISI, é acompanhado de um comprimido de vitamina, que a maioria dos postos distribuidores no sertão vende à parte.

Impunidade de alto a baixo

"Para mim não dá mais". Foi exatamente com esta frase que o promotor Raphael Cesário começou o documento em que pediu desligamento da comissão encarregada pela Procuradoria de Justiça de apurar os crimes ligados à contravenção. E com estas mesmas palavras ele abre o prefácio escrito para Avestruz, Água e Cocaína, do amigo Valério Meinel. A repetição procede. Os entraves que o trabalho da comissão encontrou pela frente, alguns deles inexplicáveis, fazem bem o clima do livro, em que a relação entre o crime e o bicho é mostrada às claras.

Também é por isso que o promotor Cesário é um dos debatedores, que, lado a lado com o ex-secretário Nilo Batista, com o jurista Virgílio Donnicci e o Capitão Sérgio Miranda, aquele do caso Para-Sar, vai discutir o tema "Crime e Impunidade", que ocorrerá paralelo ao lançamento do livro, no Centro Cultural Indúndio Mendes.

Na contravenção em si, se nos limitarmos apenas ao jogo do bicho, Raphael não vê problema nenhum. "Seria até o caso de legalizar um jogo que já faz parte das tradições populares. E em sua ligação com o crime organizado, como pôde constatar nos mais de cem sequestros e homicídios levantados, pela comissão em que trabalhou, que a contravenção tem que ser duramente combatida, na opinião do promotor.

O problema para mim é muito mais grave. A certeza de impunidade nos traz essa onda de violência a que assistimos quase impotentes. A ligação do bicho com a droga, por exemplo, é daquelas coisas que todo mundo sabe, mas de que não se tem provas concretas. Agora eu pergunto será que um Escadinha teria condições financeiras de trazer da Bolívia partidas de cocaína, financiar o refino em laboratórios daqui? De onde vem todo este dinheiro?

Por outro lado, ele deplora a

O médico Oscar Meira, do Pará, denunciou que várias crianças flageladas adquiriram a cegueira em virtude do consumo do leite sem o comprimido de vitamina.

Em plena campanha Criança-Esperança, o pediatra Jamal Wehba, da Escola Paulista de Medicina, durante o XXV Congresso Brasileiro de Pediatria, realizado em São Paulo, revelou que de 10 a 15 milhões de crianças morrem antes de atingir 5 anos de vida, sendo que 50% das mortes são causadas por diarreia, doença provocada por alimentos deteriorados e água sem nenhum tratamento. Os outros 50% são consequência da fome. São 5 milhões de crianças desnutridas.

A mortalidade infantil no Brasil cresce horizontalmente, enquanto o Brasil se orgulha de possuir obras faraônicas.

Não existe, na verdade, uma estatística que mostre exatamente o índice da mortalidade infantil em nosso país.

Fazendo uma cobertura jornalística no Norte, em 1964, durante uma seca, na cidade de Capistrano de Abreu, distante 120 quilômetros de Fortaleza, alarmado com os enterros de recém-nascidos, perguntei ao coveiro:

— Quantos anjinhos são enterrados por dia?

— De vinte para cima.

Nenhum sepultamento tinha o registro civil.

Na seca de 1964, senhoras da sociedade, sedentas de publicidade, organizaram um show para que cada família flagelada recebesse uma sacola com dez quilos de arroz, feijão, macarrão, leite e óleo, como se fosse possível estancar a fome com migalhas de alimentos. Lembrei-me de um diálogo que mantive em Iguatu num hospital, ao lado do médico Gouveia, com uma mãe esquelética:

— Quantos filhos?

— 11 e Deus levou nove.

Nenhuma campanha alcançará o objetivo de salvar a criança da morte certa se o mal não for atacado pela raiz. O bebê nasce sob os cuidados de uma parteira, de um modo geral, sem a mínima noção de higiene. Nasce e vive na sujeira. A mãe que não

tem leite alimenta o bebê com pirão mandioca. A água, quando tem, é tirada do riacho que é o esgoto do esgoto.

A Unesco fixou em 3,3 quilos o peso ideal para o recém-nascido; entretanto, 90% das crianças nascidas nas regiões pobres não pesam dois quilos.

A miséria não reside só nos sertões. Em São Paulo, o coração da economia do país, 60% da população não têm rede de esgoto. No Rio o problema é maior e mais grave. 72% da população não têm esgoto e, nas favelas, com mais de 2 milhões de habitantes, falta o principal: a água.

Não mudou nada nesses últimos anos a criança continua abandonada e morre de fome. Primeiro falta trabalho para o pai de família. Existem 5 milhões de desempregados. Falta tudo. Alimentos e post médicos para atendimento e orientação das mães.

A demagogia oficial atinge as raízes do cinismo, quando a TV anuncia que a mortalidade infantil está diminuindo graças ao plano social do governo. O que existe, na verdade, é embuste para cobrir a tragédia da mortalidade infantil em nosso país. Dia-a-dia, cresce de maneira assustadora. Ninguém precisa ir ao Nordeste para ver a miséria.

Na área interna da Associação Brasileira de Imprensa, no Centro do Rio, homens, mulheres e crianças comem o lixo do restaurante instalado no 11º andar. O episódio não é único. Quando as feiras-livres terminam, bandos de famintos arrastam tudo que podem — frutas e legumes estragados — e ali comem o lixo. Os órgãos assistenciais da ONU, que recebem grandes parcelas de pagamento pelos alimentos "doados", pouco ou nada fazem pela criança que nasce para morrer, um problema que aflige o mundo.

Milhões de brasileiros passam fome pois o salário-mínimo é de 2.600 cruzados e não permitindo que a criança tome leite, coma carne, frutas e legumes.

Um pediatra, salvo engano, Rinaldo D. Lamare, bradou:

— A criança, no século XX, no Brasil nasce para morrer.
(T. da Imprensa 15.10.87)

Filho da classe média tem medo de sair sozinho

"As crianças estão com fobia de saírem sozinhas" — alerta o psicanalista João Batista Ferreira, diante de um fenômeno recente verificado nos consultórios: o medo de assaltos. Segundo o psicanalista, tais crianças tendem a se tornar adultos desiludidos, pouco ousados na política, nas artes e no trabalho. Do outro lado da guel das ruas, os pivetes geralmente da raiva dos Mauricinhos, como chamam os meninos da classe média. Eles gostam de camisetas da Companhia tênis All Star e enfrentam os adversários com facas. (JB 7.11.87)

aqueles que conseguiram se dar bem, ganharam dinheiro, não importa como. Estes critérios, segundo Cesário, colocam o traficante no topo da lista, como figura atraente às jovens de classe média que ultimamente vêm tomando conta do noticiário do jornal por seu envolvimento com bandidos. "E ainda por cima, têm aquela aura de enfrentar qualquer perigo, o que lhes dá um toque de romantismo".

Tudo isso, para Raphael Cesário, tem ainda relação estreita com a crescente desmoralização da sociedade brasileira.

Acompanhamos tantos escândalos financeiros sem punição, em que, ao contrário, muitos responsáveis aparecem hoje como pessoas inteligentes e bem-sucedidas, que vivemos, como consequência, o modelo Gerson: gostamos de levar vantagem em tudo. Acho que precisa ser encontrada uma solução urgente para tudo isso.

(T. da Imprensa, 27.10.87)

Nossos militares

Descei no aeroporto dos "Confinos" pensando em Jakson de Figueiredo, que não era nenhum esquerdista, muito pelo contrário, talentoso líder da direita católica, que converteu Tristão de Athayde: — "Não há em nossa história figuras mais ridículas do que as dos nossos militares que se fazem políticos" (Políticos e militares) vocês devem estar se lembrando de Costa e Silva, Figueiredo. Infelizmente não foram só os dois, mas dezenas, centenas deles.

Ridículos e nefastos. Deram o golpe de 1964, tomaram o poder, fizeram o que quiseram do país em 20 anos e acabou nisso aí. A nação entalada numa terrível crise econômica, social, política e moral, da qual não conseguiu sair apesar de todas as esperanças, promessas e discursos da Nova República. Não se raspa em dois anos a lama acumulada de uma ditadura militar de duas décadas. Ainda há muito lodo para remover. (Tribuna da Imprensa 18.11.87) — S. Nery.

Fracassa mais uma tentativa de reduzir a inflação no Brasil. O índice oficial que mede a variação de preços superou os 9% em outubro e aponta para um percentual de dois dígitos para novembro. O mercado financeiro, que pode ser considerado o termômetro da economia, reitera estas expectativas e sinaliza o futuro com taxas de juros que atingem 1.000% ao ano.

O painel atual da economia não deixa dúvidas. Mais um plano econômico não deu certo. Diante desta evidência, o governo se desespera. E busca no que ainda não ocorreu (recuperação salarial) as causas do que já está ocorrendo (aceleração da inflação).

Este é o sentido do documento divulgado no final da semana passada pelo Ministério da Fazenda. Atribuir aos trabalhadores a responsabilidade pela desorganização de nossa economia. Ao mesmo tempo, o governo parece manter alguma esperança de reestabelecer o controle sobre os preços ao tentar impedir que os assalariados venham a obter reajustes que incluam a inflação de junho. E argumenta: "A brusca redução da taxa de inflação ocorrida a partir de julho mais do que compensou a exclusão da inflação acima mencionada".

Uma vez que o próprio ministro da Fazenda admite que suprimiu o mês de junho dos cálculos dos reajustes salariais, não vemos necessidade de reafirmar nossas posições. Estas são compartilhadas inclusive pela Justiça do Trabalho, que tem julgado de forma favorável os recentes dissídios coletivos, concedendo a recuperação integral dos salários. Nossa preocupação neste artigo será a de comprovar as perdas salariais sofridas pelos trabalhadores, em virtude desta e de outras medidas, e justificar a procedência das atuais reivindicações do movimento sindical.

Primeiramente, cabe responder à tentativa feita no referido documento de desqualificar as informações sobre as perdas salariais fornecidas pelo Dieese, sob a argumentação de que estas "estimativas precipitadas" foram efetuadas levando em conta apenas a aplicação estrita da política salarial, desprezando os aumentos reais determinados pelo mercado em função do forte aquecimento econômico ocorrido no ano passado.

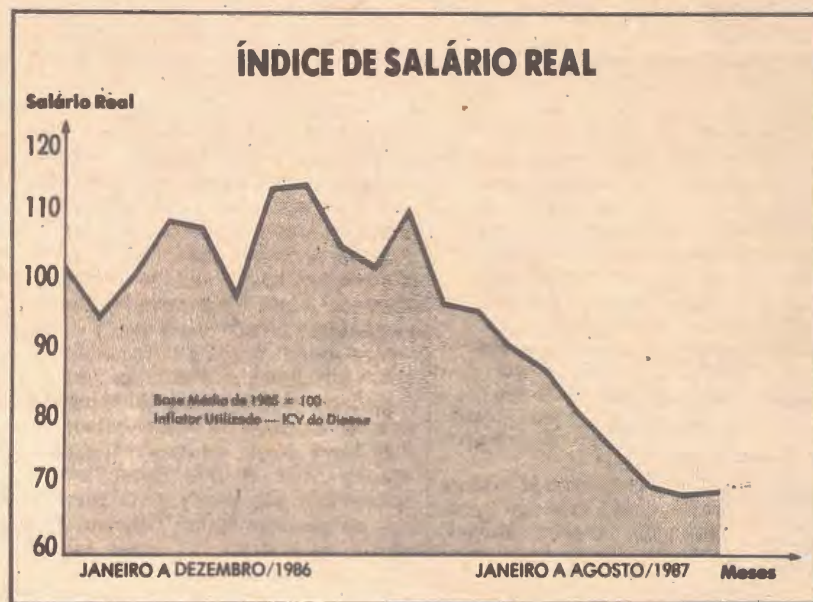
Decididamente não entendemos esta crítica, pois o que se pretendia com tais estimativas era justamente avaliar as perdas decorrentes da simples aplicação da política salarial do Plano Cruzado (gatilho de 20%

Diretor roubava SAIU NOS JORNAIS combustíveis de O povo vai estourar penitenciárias

Lemuel Santos de Santana, exonerado da direção da Penitenciária Muniz Sodré há dois dias, e o diretor da Divisão de Transportes do Desipe, Eliel Dias Pires, foram denunciados na Justiça por roubo de combustível, assim como três agentes penitenciários e um motorista. Só em maio foram desviados 7 mil 725 litros de gasolina, 2 mil 614 de álcool e 563 de óleo diesel. Um ex-diretor do Desipe, Valneide Serrão Vieira, descobriu o roubo, que era feito com o uso do número de placas de carros desativados. (JB 29.10.87)

A culpa não é dos salários

WALTER BARELLI E FÁBIA TUMA



num contexto de inflação explosiva) e do Plano Bresser (supressão da inflação de junho, parcelamento dos resíduos e aplicação das URPs). Se as perdas não foram tão grandes, como quer fazer crer o ministro Bresser Pereira, efetivamente não foi mérito do governo.

Os dados apresentados no documento do Ministério da Fazenda para avaliar a situação real do mercado de trabalho foram os índices de salários nominais da Fiesp deflacionados pelos índices de custo de vida da Fipe. Sobre o trabalho empírico desenvolvido a partir destas informações, nos limitaremos a levantar apenas duas críticas que são suficientes para questionar suas conclusões.

A primeira refere-se à série utilizada de salários nominais, que corresponde à massa total de salários pagos na indústria. O correto seria trabalhar-se com dados de salários médios, procedimento que excluiria os efeitos das oscilações do nível de emprego. Causa-nos perplexidade tamanho descuido no tratamento destas informações, principalmente quando se sabe que a fonte consultada dispõe dos dados adequados.

A segunda diz respeito ao método de deflação que é usado para se chegar aos salários reais. Reafirmamos nossa opinião de que os salários referentes ao trabalho efetuado num mês é gasto no próprio mês. Seja porque grande parte dos trabalhadores da indústria e do comércio,

Estamos navegando em águas turvas e não acredito, sinceramente, que a esta altura as autoridades ditas constituídas possam evitar o que já está acontecendo no Brasil. Estamos mergulhados em um plano diabolicamente arquitetado para levar o país a uma convulsão social de consequências imprevisíveis, ou calculadamente previstas.

O país entrará num período de profundas reivindicações política e sociais tão violentas, até certo ponto aceitáveis que não vai ser possível frear sem um grande desgaste nas lonas de freio já tão gastas dos responsáveis atuais de manter a ordem neste país. Tenho convicção absoluta do que afirmo, será apenas uma questão de tempo. É só esperar. (Otacílio Vasconcelos Ribas — Rio de Janeiro. (JB Cartas 11.11.87)

principalmente, recebem antecipações (vales) no meio do mês, seja porque seus gastos em cooperativas e supermercados conveniados com suas empresas são realizados ao longo do mês, a preços correntes, para desconto posterior em folha.

Na realidade, o trabalhador gasta antecipado o salário que ainda está para receber. Mesmo o pagamento do aluguel que hoje consome uma parcela expressiva de seus rendimentos e é efetuado, geralmente, assim que é recebido o restante do salário, corresponde ao mês que passou e não ao que virá. O mesmo raciocínio vale para os gastos efetuados com educação. O pouco que sobra, para o cigarro ou para o transporte do dia-a-dia, até o recebimento da próxima antecipação salarial não nos parece justificar a metodologia de deflacionar o salário nominal de um mês pelo índice de inflação do mês subsequente.

As informações sobre rendimentos médios mensais da população assalariada da Grande São Paulo fornecidas pela pesquisa realizada pelo convênio Seade-Dieese-Unicamp revelam uma realidade bastante distinta daquela apresentada no trabalho que ora comentamos. Logo após terem alcançado um crescimento de cerca de 11%, desde a decretação do Plano Cruzado em março de 86 até outubro de 86 (quando a inflação volta a acelerar), os salários sofrem uma queda vertiginosa.

Em agosto de 1987 a média salarial

Collor diz que Sarney envergonha o país

Os governadores reagiram com firmeza à declaração do presidente José Sarney de que a partir de agora quem optar por cinco anos será considerado inimigo. O mais veemente foi o governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello.

— O Brasil não pode ser tratado por uma pessoa que não tem estatura para dirigir o país. Segundo Collor de Mello, "é uma vergonha estar num país em que um presidente age assim". (T. da Imprensa 13.11.87)

SALÁRIOS REAIS MÉDIOS

| Meses | Salário Real (Em Cx\$ ago/87) | Índice de Salário Real (Base: média de 1985 = 100) |
|------------|-------------------------------|--|
| Janeiro/86 | 15.041 | 102,3 |
| Fevereiro | 13.975 | 95,0 |
| Março | 14.568 | 101,0 |
| Abril | 16.010 | 108,8 |
| Maio | 15.891 | 108,0 |
| Junho | 14.475 | 98,4 |
| Julho | 16.715 | 113,6 |
| Agosto | 16.790 | 114,1 |
| Setembro | 15.533 | 105,6 |
| Outubro | 16.555 | 112,5 |
| Novembro | 16.277 | 110,7 |
| Dezembro | 14.339 | 97,4 |
| Janeiro/87 | 14.198 | 96,5 |
| Fevereiro | 13.443 | 91,3 |
| Março | 12.908 | 87,9 |
| Abril | 12.030 | 81,7 |
| Maio | 11.240 | 76,4 |
| Junho | 10.466 | 71,1 |
| Julho | 10.309 | 70,0 |
| Agosto | 10.364 | 70,4 |

Variações (%)

| | |
|-----------------|------|
| ★ Ago-87/Mar-86 | 30,3 |
| ★ Ago-87/Ago-86 | 38,3 |
| ★ Ago-87/Jul-87 | 0,5 |

Fonte: SEP — Convênio Seade/Dieese/Unicamp
Inflator Utilizado: ICV do Dieese

já se encontra reduzida a cerca de 70%, se comparada à média de 1985 ou mesmo aos níveis vigentes em março de 86, refletindo uma perda próxima de 30%. Se o salário real daquele mês for comparado com o mesmo do ano anterior a perda é ainda maior, chegando a 38%. Apenas na última variação mensal, de julho para agosto de 87, é que se nota um ligeiro crescimento de 0,5%.

Aí está a real situação do mercado de trabalho, incorporados inclusive os aumentos salariais que porventura tenham ocorrido. Não é estranho, portanto, que os trabalhadores estejam reivindicando reajustes mínimos de 45% para recuperar o poder aquisitivo de seus salários. Mais estranha nos parece a insistência em se impor uma perda definitiva aos assalariados, quando mais uma vez é demonstrada a ineficácia do arrocho salarial como instrumento de combate à inflação.

WALTER BARELLI, 49, economista, é diretor-técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) e professor do Programa de Mestrado da PUC-SP.

FÁBIA TUMA, 30, economista, mestra pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

(F. de São Paulo 1.11.87)

Crime e impunidade

Valério Meinel

Não se pode mais aceitar a definição romântica de que o jogo do bicho é apenas um traço cultural do nosso povo. Justamente sob esse disfarce age o crime organizado. Mais do que cinematográfico, o furto de um processo do tribunal de júri, em que poderoso banqueiro-de-bicho era acusado de homicídio, para ser queimado em uma bandeja de prata, em um bar no Recreio dos Bandeirantes, durante uma festiva reunião de contraventores, tem a marca indelével da impunidade. Refeito o processo, com a lentidão característica de nossa Justiça realmente cega e sem recursos, perdidas provas importantes e desaparecidas testemunhas que antes haviam prestado depoimento, o réu-contraventor foi absolvido.

Há menos de dez anos um juiz disse em entrevista que a última conquista tecnológica da Justiça fora a máquina de escrever. E praticamente nada se alterou em quase uma década. Ainda hoje nas varas criminais, de família e cíveis os processos são costurados, abertos e novamente recosturados à medida que as partes juntam documentos aos autos.

Mas o emperramento burocrático da Justiça é mero detalhe na impunidade que, efetivamente, vem se convertendo - mais do que o jogo do bicho - em traço característico deste país. Uma impunidade que grassa à sombra da corrupção policial e da própria Justiça; do tráfico de interesses e de acordo com os desejos dos que manipulam o poder.

O repórter que há cerca de dois anos denunciou em um vespertino do Rio de Janeiro a existência de um cassino de propriedade de um poderoso contraventor deste estado, foi humilhado e coagido pelo próprio juiz encarregado do processo no momento da tomada do depoimento da importante testemunha.

Não faz mais sentido, hoje, perguntar-se onde estão os assassinos de Cláudia Lessin, de Araceli, ou de Mônica Granuzo. Sabe-se que passaram tantos anos desses crimes, eles ainda não foram julgados. Porque são poderosos e de famílias ricas e influentes. Como também se sabe que os porteiros de um edifício que sequestraram Denise foram julgados e exemplarmente punidos - porque eram pobres.

Hoje importa mais perguntar pela impunidade do crime organizado. Se os contraventores do passado tinham a preocupação de acobertar o jogo do bicho com alguma outra atividade, os bicheiros do presente, ao contrário, valem-se da contravenção para encobrir atividades criminosas realmente dolosas, como o contrabando, o tráfico de drogas e a exploração de jogos de azar como o videopôquer.

E em que processo foram punidos?

Pouco se pode esperar de uma assembléia constituinte em uma nova república que convive com um dos maiores abortos da ditadura - a Lei Fleury, que continua a garantir aos ricos e poderosos o direito de aguardarem seus julgamentos em liberdade - e de em liberdade recorrerem da sentença condenatória, rara - sempre que forem primários. Uma lei que só protege os ricos. O pobre é primário porque só tem o curso primário - quando consegue concluir o primeiro grau. Nossas cadeias e penitenciárias estão en-

SAIU NOS JORNAIS

Padre da UDR continua a pregação

Desta vez a coisa virou bate-boca: até ruralista o considera reacionário

Ricardo Kotscho

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) — De batina cinza até os calcanhares, como há muito tempo não se via mais, o padre Eduardo Rebouças de Carvalho, 75 anos, mais conhecido como "o padre da UDR", acabara de fazer mais uma pregação em defesa da propriedade, quando um homem sentado na cerca do curral da Fazenda das Irmãzinhas — uma propriedade de 30 alqueires das Irmãs de Maria Imaculada, arrendada à Cooperativa dos Pecuaristas de São José dos Campos — pediu a palavra.

Os cerca de 100 fazendeiros presentes a mais um "Dia de Campo" — promoção da regional da UDR no Vale do Paraíba para ensinar a fazer "cerca elástica" e conhecer o padre amigo — não puderam acreditar no que ouviram e quase engasgaram, mal dando tempo de tirar o espeto de churrasco da boca.

— Eu não sou comunista — foi logo falando o homem. — Sou brasileiro, acima de tudo, e não posso ficar em silêncio ouvindo essas coisas, quando sabemos que 90% da população da América Latina vivem em condições sub-humanas e a maioria do nosso povo passa fome.

O que era apenas mais uma festa de confraternização da UDR regada a cerveja gelada e com muita carne macia acabou se transformando num acalorado bate-boca como se, de repente, o plenário da Comissão de Sistematização da Constituinte tivesse sido transferido para essa fazenda, na estrada vicinal que liga São José dos Campos a Jacareí, a menos de 80 quilômetros de São Paulo.

— Marajá, Marajá! — protestaram em coro os outros comensais, à medida que o homem se entusiasmava com seu discurso a favor dos trabalhadores oprimidos, "aos quais nós pagamos um salário de fome, e isso ninguém pode negar".

O homem xingado era Roberto Vilela, 54 anos, alto funcionário aposentado da Petrobrás, que recebe CZ\$ 120 mil por mês e é dono de uma propriedade rural de 15 alqueires em São José dos Campos.

tulhadas de homens e mulheres que pertencem em sua totalidade às camadas mais pobres da população. É nesta massa carcerária, o maior percentual é de negros.

Talvez porque a Justiça seja cega e não consiga ver onde estão os criminosos ricos e brancos.

Este estado de imoralidade, de corrupção institucional, é facilmente comprovado todos os anos, quando respeitáveis juizes de direito se permitem assistir aos desfiles das escolas de samba instalados em camarotes comprados a peso de ouro por poderosos contraventores do jogo do bicho. Que isenção terão esses juizes, para condenar, mais tarde, o bicheiro anfitrião - se é que algum dia este contraventor irá sentar-se no banco dos réus?

Há menos de um mês o Secretário de Segurança de Minas Gerais rompeu um acordo feito com os bicheiros do seu estado e que permitia a exploração do jogo em troca de recursos financeiros para obras sociais. O secretário de Segurança de Minas Gerais passou a perseguir a contravenção, ao tomar conhecimento de que os contraventores do seu estado estavam se associando a banqueiros do bicho do Rio de Janeiro. A autoridade justificou sua atitude, afirmando: "Não vou tolerar aqui o crime organizado."

(T. da Imprensa 27.10.87)

E o padre não é um padre qualquer: ao se apresentar, vai logo informando que foi colega de Dom Agnelo Rossi — "o terceiro homem da Igreja na hierarquia do Vaticano, depois do papa" — na primeira turma do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma, em 1934. Ex-diretor arquidiocesano de ensino religioso da capital paulista, em 1944, e vigário de Barra do Piraí, no Estado do Rio, o "padre da UDR" não se fez de rogado quando Vilela contestou sua pregação. E o diálogo que se seguiu é típico do Brasil da Nova República.

Padre — Você já falou, agora me deixa falar.

Vilela — Espera aí. Eu faço parte das equipes de Nossa Senhora e estive recentemente na Europa, onde as Irmãzinhas com quem me encontrei me falaram da miséria em que vivem os trabalhadores brasileiros...

— Devem ser as Irmãzinhas do Politburo... — retruca Ana Maria Ferreira Leite Pinto, a primeira mulher dirigente da UDR no país, que preside a regional do Vale do Paraíba.

Fazendo sinais de deixa para lá com as mãos, padre Rebouças caminhou em direção a Vilela de dedo em riste.

Padre — Escuta aqui, eu só quero saber qual é a solução que o senhor me apresenta. Não adianta nada eu dar as coisas que tenho para os pobres, porque serei apenas mais um pobre. Sou filho e neto de fazendeiros, conheço a luta dessa gente.

Vilela — O problema é que vocês da UDR, pelo que o senhor falou, estão lutando para manter a situação injusta que está aí.

Padre — A UDR não defende a propriedade, mas o produtor rural, e o senhor tem que entender que tem muitos comunistas agindo nesse setor e nós temos um governo corrupto.

Vilela — Mas o senhor sabe que o pobre é injustiçado no nosso país e vocês não fazem nada contra isso.

Padre — A injustiça contra o pobre é grave mas contra o rico também. Por acaso, agora crime ser rico? Minha empregada, que está com 32 anos, ganha CZ\$ 4 mil por mês. É fácil distribuir por aí dinheiro dos outros, como fazem esses padres progressistas. Mas eu já criei 13 crianças, que não são parentes, com meus próprios recursos.

Vilela — Tudo bem, mas Deus quando fez o mundo não repartiu a terra do jeito que está dando muito para uns poucos e nada para a maioria do povo, como nós estamos vendo aqui no Brasil.

Padre — O senhor por acaso estava lá quando Deus fez o mundo? Então, como é que fala? O senhor por acaso é proprietário rural?

Vilela — Eu sou, mas...

— Mas não produz nada — aparta novamente Ana Maria, já perdendo a paciência. — Você é um marajá que tirava 300 litros de leite por dia e acabou com a criação porque achou que dava dinheiro. Vou indicar sua propriedade ao governo para fins de desapropriação porque é improdutivo.

— Fala aí quanto você ganha da Petrobrás, seu marajá, mentiroso — desafia Antônio Gomes de Oliveira Filho, economista e herdeiro de tradicionais pecuaristas da região. Ao ouvir a resposta de Vilela, dizendo que ganha CZ\$ 120 mil por mês, ele não se conforma, sai gritando: — Aqui ninguém ganha isso e nós somos chamados de latifundiários. Minha fazenda este mês teve uma renda bruta de CZ\$ 160 mil e não tiro 5% disso. Faz as contas, seu marajá.

Diante do quiproquô, o churrasco acabou antes da hora e padre Rebouças se retira, indignado com o bate-boca.

— Deixa ele para lá. E sai caminhando ligeiro em direção à residência das Irmãzinhas, que o esperam com uma mesa de legumes e verduras: ele é vegetariano.

(JB 29.10.87)

É a avacalhação total?

Está na hora de o presidente Jose Sarney provar que governa o país e que no Brasil existe lei. O acaso pode permitir ao presidente demonstrar que as multinacionais também podem ser atingidas pelo braço da legislação, que não vale, por exemplo, para que os automóveis fabricados pela Autolatina tenham as mesmas especificações de segurança dos exportados para os Estados Unidos e Europa. A Ford e a Volkswagen colocam no mercado brasileiro carros que não passam nos testes mais rudimentares fora do país. Agora, um cidadão alemão desafia todo um governo e as leis de um país como se estivessemos na Idade Média. Volta para Berlim, Wolfgang Sauer, e tenta enfrentar os seus contrerrâneos. O sorriso de confiança estampado ontem, na primeira página de 'O Globo', em telefoto da própria Autolatina, mostra que Sauer tem aliados muito poderosos no front interno. Mas, a posição dos governadores de cinco dos estados mais importantes da Federação em não aceitar as normas ditadas pela multinacional somada à decisão do ministro Bresser de romper o cartel e abrir o mercado automobilístico para indústrias japonesas mostra que pode existir uma luz no fim do túnel, que hoje mais parece uma locomotiva em sentido contrário. Ou Sarney dá o murro agora ou não terá condições nem de conseguir um cafezinho na copa do Palácio. (T. da Imprensa 11.11.87)